

## OS DESAFIOS QUE OS PSICÓLOGOS HOSPITALARES ENCONTRAM AO LONGO DE SUA ATUAÇÃO

Carla Souza Ramos da Silva<sup>1</sup>

Mariana Lisbôa Almeida<sup>2</sup>

Soraia Silva Brito<sup>3</sup>

Daniela Campos Bahia Moscon<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente estudo teve por objetivo de compreender os desafios de atuação do psicólogo no âmbito hospitalar em distintos hospitais da cidade de Salvador – Ba. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, por meio de entrevista semiestruturada com quatro psicólogas hospitalares. Os resultados da pesquisa indicaram que há barreiras na inserção profissional no ambiente hospitalar, onde o principal entrave é a dificuldade de comunicação com o restante da equipe. Com efeito, as entrevistadas consideram de suma importância a sua atuação no processo de saúde/doença, com vistas a proporcionar o apoio psicológico ao paciente e à família. De acordo com os relatos das entrevistadas, aponta-se para a necessidade de mudanças da cultura hospitalar que permitam uma relação mais horizontalizada e uma atuação da equipe efetivamente multidisciplinar, permitindo assim um tratamento esperado no cuidado com os pacientes.

**Palavras-chaves:** Psicologia Hospitalar; Desafios; Atuação do psicólogo.

### ABSTRACT

The objective of this study was understanding the challenges of psychologist's actions on hospital environment in the different hospitals in the city of Salvador - Ba. For that, a qualitative research was conducted, through a semi structured interview with four female hospital's psychologists. The results of the research indicated that professional insertion had been difficulty in the hospital environment, where the main obstacle is the difficulty of communication with the rest of the team. Indeed, the interviewed consider it self extremely important to update them in the health / illness process, with prospects to offer of psychologist's supporting to the patient and the family. According to the reports of the interviewed, there is a need for changes in the hospital culture that allow a more horizontal relationship and an effective multidisciplinary team update, allowing an expected treatment without care with patients.

**Keywords:** Hospital Psychology; Challenges; Psychologist's performance.

## 1 INTRODUÇÃO

O termo Psicologia Hospitalar tem sido utilizado para designar o trabalho de psicólogos em hospitais. A psicologia hospitalar surge no Brasil na década de 1970, no estado de São Paulo, quando foi solicitado para uma demanda do setor de ortopedia com o intuito de investigar o paciente como um ser biopsicossocial, visando modificar as concepções do modelo biomédico. Nesse contexto, a atuação desses profissionais exemplifica a mudança do paradigma do tratamento hospitalar para além do aspecto biológico.

<sup>1</sup>Graduanda do 8º semestre. E-mail: carlaramos.silva@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda do 8º semestre. E-mail: marianalisboa.psi@gmail.com

<sup>3</sup>Graduanda do 8º semestre. E-mail: soraiabrito19@hotmail.com

<sup>4</sup>Psicóloga, doutora e mestre em Administração/UFBA. Orientadora. E-mail: daniela.moscon@unifacs.br

Com efeito, a abertura deste novo campo de atuação para o psicólogo representa dois tipos de mudanças: uma de ordem prática e outra no campo teórico, que se comunicam de forma dialética: se por um lado este novo integrante da equipe hospitalar se deparou com diversas situações e relações novas, tanto com os demais profissionais de saúde e com o público alvo, por outro lado esse novo *locus* suscitou, no ambiente acadêmico, o surgimento de novas questões e problemas acerca do que significa sob os mais diversos aspectos, a atuação do psicólogo hospitalar.

O estudo tratará de analisar os possíveis desafios na atuação do psicólogo hospitalar, considerando as formas e limitações como são articulados os conceitos na prática. Assim, o problema de pesquisa central pode ser expresso na seguinte pergunta: Em que circunstâncias aparecem os desafios da atuação do psicólogo hospitalar?

Sabe-se que a psicologia vem conquistando mais espaço no âmbito hospitalar. São notórias as diversas formas de atuação que variam de acordo com o público alvo e as suas demandas. Porém, percebe-se que estes profissionais vêm encontrando desafios para exercer sua função na instituição hospitalar.

A partir desse contexto, o objetivo desse trabalho é compreender os desafios de atuação do psicólogo no âmbito hospitalar em distintos hospitais da cidade de Salvador- BA. Para se alcançar tal objetivo, foi necessário compreender a inserção profissional dos psicólogos que atuam em hospitais; identificar como o psicólogo presta assistência ao paciente, bem como seus familiares e a equipe de serviço; analisar como o psicólogo promove a humanização e a transformação social no ambiente de hospitalar; identificar os limites institucionais que o profissional encontra regidos por regras, condutas e normas e compreender quais estratégias de regulação emocional diante de temas com morte e doenças agressivas.

Desta forma, pretende-se com este projeto, contribuir para o campo acadêmico com uma pesquisa de cunho teórico e empírico, relacionada aos desafios que surgem na atuação do psicólogo hospitalar sob os aspectos da formação profissional, a sua inserção no contexto hospitalar, utilizando como recorte a investigação desses profissionais com experiência em hospitais de Salvador, por meio de três entrevistadas que participaram de uma entrevista semiestruturada voltada para os objetivos deste projeto.

Além desta introdução, nos capítulos teóricos serão abordados os principais conceitos da psicologia da saúde e hospitalar, sobre suas possibilidades de atuação e desafios encontrados como: graduação deficitária, demanda em relação a otimização do tempo,

relação com a equipe multiprofissional, eficiência do trabalho realizado, bem como será explicitado a metodologia utilizada neste presente trabalho, incluindo cronograma, a análise de resultado sobre os dados coletados e por fim, as considerações finais acerca do estudo.

## **2 REVISÃO TEÓRICA**

### **2.1. Por uma definição conceitual da Psicologia Hospitalar e Psicologia da Saúde**

É importante, antes de mais nada, estabelecermos uma definição precisa dos conceitos fundamentais que serão utilizados ao longo do texto. De saída, é necessário fazer uma separação conceitual entre psicologia da saúde e a psicologia hospitalar. Segundo Castro e Bornholdt (2004), embora a psicologia hospitalar seja um ramo da psicologia da saúde, a primeira possui uma atuação mais delimitada e é um termo denominado no Brasil e inexistente em outros países, portanto, não se confunde com última. Com efeito, faz se necessário uma explicação mais detalhada da questão.

#### **2.1.1 Psicologias da Saúde**

No que tange à Psicologia da Saúde, ela é vista como um subcampo da Psicologia que aplica princípios e pesquisas psicológicas para melhoria, tratamento e prevenção de doenças. As áreas de interesse da Psicologia da Saúde incluem condições sociais, fatores biológicos e traços de personalidade, sendo um campo relativamente novo que desempenha um papel fundamental para o enfrentamento de desafios para a saúde do mundo. “A Psicologia da Saúde é a ciência que busca responder questões relativas à forma como o bem-estar das pessoas pode ser afetado pelo que se pensa, sente e faz” (STRAUB, 2005, apud MOSIMANN; LUSTOSA, 2011, p. 211 e 212).

Deste modo, a Psicologia da Saúde tem como objetivo compreender como os fatores biológicos, comportamentais e sociais influenciam na saúde e na doença (CASTRO E BORNHOLDT, 2004). Sendo assim, essa função pode ser realizada em distintos e variados contextos, como hospitais, instituições de saúde, organizações não governamentais e nas próprias casas dos indivíduos.

É importante destacar que a Psicologia da Saúde está assentada no modelo biopsicossocial, o que torna de suma importância a equipe multiprofissional nessa

abordagem, sendo que o objetivo dessa área é trabalhar com a promoção, prevenção e a educação para saúde, intervindo junto à população, buscando melhoria na qualidade de vida das pessoas. No geral, portanto, a Psicologia da Saúde amplia a atuação do psicólogo hospitalar.

### 2.1.2 Psicologia Hospitalar

Mais que uma atuação determinada por uma localização, a "Psicologia Hospitalar é o campo de entendimento e tratamento dos aspectos psicológicos em torno do adoecimento" – aquele que se “dá quando o sujeito humano, carregado de subjetividade, esbarra em um ‘real’, de natureza patológica, denominado doença...” (SIMONETTI, 2004, p. 15 apud MOSIMANN; LUSTOSA, 2011).

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (2007), o psicólogo especialista em Psicologia Hospitalar tem seu exercício profissional nos níveis secundários e terciários na atenção à saúde, instituições de ensino superior e/ou centros de estudo e de pesquisa, colaborando com a formação de outros profissionais de saúde. Faz atendimentos a pacientes e familiares, suporte emocional em situações específicas a membros da equipe multiprofissional e eventualmente administrativa, além de colaborar com alunos e pesquisadores, quando estes estejam atuando em pesquisa e assistência.

Dessa maneira, torna-se evidente que a Psicologia Hospitalar, desenvolve atividades em diferentes níveis de tratamento, tendo como sua principal tarefa a avaliação e acompanhamento de intercorrências psíquicas dos pacientes que estão ou serão submetidos a procedimentos médicos, visando basicamente a promoção e/ou a recuperação da saúde física e mental. Podem ser desenvolvidas diferentes modalidades de intervenção, dependendo da demanda e da formação do profissional específico. No trabalho com a equipe de saúde, participa de decisões em relação à conduta a ser adotada, aportando informações pertinentes à sua área de atuação, na qual o suporte e manejo estão voltados para possíveis dificuldades operacionais e/ou subjetivas dos membros da equipe (Resolução CFP nº 013/2007).

### 2.1.3 Os pontos de aproximação e distanciamento

A partir do que foi exposto anteriormente, o que justifica essa subdivisão da psicologia da saúde em psicologia hospitalar é que a primeira diz respeito ao um campo

mais amplo, que abrange as atenções básicas de promoção e prevenção até de alta complexidade, com a atuação em distintas instituições de saúde. Já a psicologia hospitalar, é algo direcionado à atuação em hospitais e é uma nomenclatura específica do Brasil. O Quadro 1 apresenta uma síntese das diferenças entre ambas:

Quadro 1 - Diferenças entre Psicologia Hospitalar e Psicologia de Saúde

<b>Psicologia Hospitalar (Brasil)</b>	<b>Psicologia de Saúde</b>
Atenção secundária e terciária	Atenção primária, secundária e terciária
Atuação em hospitais	Atuação em centros de saúde, hospitais, ONGs etc.
Prática profissional no hospital não exige especialização obrigatória	Prática profissional na área da saúde exige especialização obrigatória em alguns países
Prática interdisciplinar (em alguns hospitais)	Prática interdisciplinar (em alguns hospitais e outras instituições de saúde)
Distintas teorias psicológicas utilizadas	Distintas teorias psicológicas utilizadas

Fonte: Psicologia da Saúde x Psicologia Hospitalar: Definições e Possibilidades de Inserção Profissional. 2004.

## 2.2 Atuação do psicólogo no contexto hospitalar e suas possibilidades

A psicologia hospitalar é uma área inovadora, que pode atuar em diversos setores, sendo que os casos mais comuns de inserção do psicólogo na equipe multidisciplinar são: maternidade, emergência, centro cirúrgico, pronto socorro, UTI e CTI. O psicólogo hospitalar trabalha exercendo no âmbito secundário e terciário de atenção à saúde, realiza várias atividades como: Psicoprofilaxia; atendimento psicoterapêutico; pronto atendimento; psicodiagnóstico; atendimento em ambulatório; unidade de terapia intensiva e outros.

Desta forma, o psicólogo hospitalar se depara com diversos casos, em vários setores do hospital. Neste contexto, o objetivo principal do psicólogo é trabalhar com o processo de saúde/doença, visando proporcionar apoio psicológico através do acolhimento, compreensão com o paciente, família e a equipe. Sendo que uma das metas visadas é minimizar o sofrimento do paciente, da família acometida pela doença. Sabe-se que este sofrimento causa desorganização mental, sofrimento emocional e social na vida da pessoa.

No âmbito hospitalar o psicólogo busca intervir como mediador psicológico, buscando compreensão na relação entre equipe/paciente e equipe/família. A equipe e a família exercem papéis importantes durante o processo de relação do paciente com a sua doença, sendo que o paciente irá compartilhar suas limitações, dificuldades, medos, dependências, impotências, sentimento de culpa, negação da realidade, dificuldades em adaptar-se à rotina hospitalar (PIMENTEL; LIMA; FONSECA, 2009).

Por isto, destaca-se a considerável importância do trabalho do psicólogo na equipe multidisciplinar, considerando que ele propõe uma ação que utilize mecanismos para minimizar o sofrimento do outro, situação que na maioria das vezes é difícil para o paciente lidar. Desta forma, o psicólogo busca auxiliar o paciente nesse momento doloroso que é a hospitalização, não objetivando curar a patologia em si, mas dar suporte para que ele possa lidar com esta situação. Portanto, é um trabalho que lida diretamente com a subjetividade do outro, sendo importante respeitar a vontade ou não do paciente de receber assistência.

### **2.3 Alguns dos desafios do psicólogo para a prática hospitalar**

A partir do quesito atuação do psicólogo no hospital, há uma literatura que aponta para desafios que o psicólogo encontra na dinâmica hospitalar como: rotina intensa, procedimentos práticos (visita multiprofissional aos leitos dos pacientes, registro em prontuários privativos e da equipe dos atendimentos realizados), aspectos importantes da atividade profissional do psicólogo e que influenciam na sua função básica: buscar estratégias em conjunto com o paciente que auxiliem para minimizar a ansiedade ou ociosidade que é causado pela hospitalização.

De acordo com Carvalho (2013, p. 361), “o desafio que se apresenta ao trabalho do Psicólogo no Hospital seria oferecer um modelo de formação para o psicólogo da saúde no contexto hospitalar fundamentado em um modelo de atenção integral à saúde”. No decorrer do texto abordaremos alguns dos desafios que o profissional de psicologia se depara, como a relação entre demanda e tempo; hierarquia e comunicação com a equipe; eficiência no trabalho e regulação emocional.

#### **2.3.1 Demanda *Versus* Tempo**

Em parte, devido a uma formação voltada para o atendimento clínico, aqueles que pretendem trabalhar em hospitais precisam se adequar às demandas que ali lhe aparecem, em conjunto de seus estudos complementares para se aprofundar na área. Com a grande demanda de pacientes que necessitam do atendimento psicológico e com a quantidade insuficiente desses profissionais para fazê-lo, o acompanhamento adequado torna-se um desafio para os profissionais.

A tentativa de conseguir atender a todos que necessitam, os psicólogos tem que se adequar às demandas, criar estratégias para que possa atender os pacientes, realizar grupos com pacientes em situações semelhantes para a realização de psicoprofilaxia, ou analisar os casos clínicos e ver quais mais necessita de atendimento com urgência.

### 2.3.2 Hierarquia e comunicação com a equipe

O atendimento no hospital é breve, focal e emergencial. Com isso, é de suma importância a compreensão do ser biopsicossocial na saúde. Desta maneira, é notória a participação da equipe para o atendimento hospitalar, sendo que médico, enfermeiro, fisioterapeuta, nutricionista, psicólogo e outros profissionais possam realizar um atendimento de total integração, acompanhado de humanização e suporte com o paciente e sua família (FOSSI; GUARESCHI, 2004).

Além desta introdução, nos capítulos teóricos serão abordados os principais conceitos da psicologia da saúde e hospitalar, sobre suas possibilidades de atuação e desafios encontrados como: graduação deficitária, demanda em relação a otimização do tempo, relação com a equipe multiprofissional, eficiência do trabalho realizado, bem como será explicitado a metodologia utilizada neste presente trabalho, incluindo cronograma, a análise de resultado sobre os dados coletados e por fim, as considerações finais acerca do estudo.

### 2.3.3 Eficácia no trabalho

Muitos profissionais que se dedicam à psicologia hospitalar têm encontrado dificuldade na hora de realizar seu trabalho, principalmente para aqueles que trabalham em hospitais particulares, onde precisam estar constantemente comprovando a eficácia do seu trabalho para justificar sua contratação. Uma das formas que esses profissionais encontram

para resolver esse impasse, além da prática que realizam, é a produção de pesquisas e artigos relacionada a essa temática.

De certa forma, esse impasse tem contribuído de forma positiva para a psicologia hospitalar no campo acadêmico, pois a quantidade de materiais e artigos científicos com pesquisas na área é muito limitada, sendo encontrado materiais principalmente de profissionais que se dedicam a mestrado e doutorado. Segundo Romano (1999 apud TONETTO; GOMES, 2005), o baixo envolvimento dos psicólogos hospitalares em pesquisas é preocupante e injustificável, sendo a psicologia a formação, dentre os profissionais da equipe de saúde, que possui uma formação com maior ênfase em metodologia científica. Essa falta de pesquisas também afeta os estudantes que se interessam pela área e que procuram meios de se aprofundarem no assunto a fim de conhecê-lo melhor.

#### 2.3.4 Regulação Emocional

Os psicólogos que atuam no contexto hospitalar possuem um maior contato com questões que são naturais no decorrer da vida dos seres humanos, como os processos de adoecimento e morte. Em algumas culturas a morte não é considerada como um tabu e a população lida de forma natural com esses processos, mas em nossa sociedade ocidental a morte ainda é um assunto evitado no qual as pessoas, para não lidar com a dor do luto, não elaboram essa perda.

Para os profissionais da área de saúde esse assunto também é evitado e gera muita ansiedade e estresse, pois o que se aprende na faculdade é que a sua função é salvar vidas e a perda de um paciente vai de encontro com tudo àquilo que ele aprendeu ser sua principal função, podendo assim caracterizar a morte como um fracasso profissional.

Muitos desses profissionais se fecham, na tentativa de que as emoções que surgem em situações diversas do seu cotidiano possam atrapalhar o desenvolvimento do seu trabalho. Porém, o fato de não se elaborar essas questões leva a uma ansiedade, sentimento de fracasso e até mesmo a desumanização no contato com o paciente e seus familiares, o que mais prejudica do que ajuda no relacionamento entre os profissionais da equipe e entre a equipe e o paciente.

De acordo com Medeiros e Lustosa (2011), o psicólogo é o profissional que integra a equipe de saúde que é extremamente privilegiado, pois ele possui diversos recursos para lidar com as emoções que afloram ao se depararem com temas delicados como doenças



agressivas e/ou crônicas e a morte, temas esses que causam muito sofrimento ao paciente e sua família, e que causam nos profissionais sentimentos de perda e impotência, por não ter conseguido aliviar sua dor ou até mesmo salvá-lo.

Dentre as ferramentas que o psicólogo usa para elaborar suas dores e emoções decorrentes do seu trabalho estão os grupos de discussão, a supervisão e a psicoterapia. Por ser o profissional da equipe de saúde que melhor possui instrumentos para lidar com esses assuntos delicados, o psicólogo poderá realizar atividades que auxiliem o restante da equipe de saúde a lidar melhor com essas questões de doenças e da terminalidade, os capacitando para que lidem melhor também com o paciente e sua família em sofrimento.

### **3 METODOLOGIA**

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa por estar relacionado com os aspectos subjetivos, tanto dos entrevistados, quanto do pesquisador, envolver pequena amostra que possibilita a realização de uma análise de conteúdo em maior profundidade. Como afirma Minayo e Sanches (1993, p.245) é exatamente esse nível mais profundo - o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana – o objeto da abordagem qualitativa. É também descritiva, pois possui como uma das suas finalidades a observação, o registro e a análise dos fenômenos. Segundo Gil (2008), descreve as características de determinadas populações ou fenômenos.

As participantes desta pesquisa formam um conjunto de três psicólogas hospitalares que tem suas experiências de atuação em hospitais privados de Salvador (BA), o tempo de atuação varia de cinco anos há treze anos nas instituições.

A coleta de dados foi realizada através de duas etapas. A primeira parte contou com uma pesquisa exploratória, onde fomos a campo de forma a estabelecer o primeiro contato com a área escolhida, colher informações preliminares que contribuíssem para o melhor aprimoramento da pesquisa e da forma como poderiam ser realizadas as entrevistas. Foi feita uma entrevista inicial com perguntas gerais para uma psicóloga hospitalar, que também é a coordenadora do serviço de psicologia de um hospital filantrópico de Salvador – BA.

Já na segunda parte da pesquisa, participaram três profissionais da área sendo que os dados foram coletados por meio de uma entrevista semiestruturada abordando temas sobre a sua inserção, equipe multiprofissional, assistência, humanização, limitação institucional e

regulação emocional, a qual foram feitas individualmente e gravadas em áudio, estando presente apenas as pesquisadoras e entrevistada. Após a entrevista, aplicou-se uma atividade que consistiu na escolha de cinco entre dez cartões no qual constava os desafios focados na literatura, dentre eles: Equipe multiprofissional; ética; paciente com questões complicadas; infraestrutura; inserção profissional; família do paciente; demanda x tempo; normas e regras do hospital; regulação emocional e limitação em algum ciclo de vida, seja atendendo crianças, adolescentes, adultos ou idosos. Logo, em seguida as entrevistadas explicavam sobre a escolha do cartão. A atividade seguinte, foi em dizer as três primeiras palavras que lhe vinham na mente quando falava a palavra “Psicologia Hospitalar”. Antes da pesquisa, foram realizados esclarecimentos relativos aos procedimentos éticos da pesquisa, foi apresentado o Termo de Consentimento, que foi assinado em duas vias, ficando uma cópia para a entrevistada e outra cópia para as entrevistadoras.

### **3.1 Aspectos éticos**

De acordo com os critérios de confiança entre pesquisador e entrevistado, a pesquisa prezou pela confidencialidade do material coletado e da supressão da identidade dos profissionais, além de garantir a busca de uma interpretação que seja fiel ao discurso do entrevistado, além de facultar o direito de não responder quaisquer perguntas a que o mesmo não se sinta à vontade de responder. Com efeito, para garantir que haja transparência na utilização dos dados com fins estritamente científicos, oferecemos feedback com os entrevistados, caso sim o desejem, para apresentar resultado da pesquisa e da transcrição do material.

## **4 ANÁLISE DE RESULTADOS**

Fizeram parte da amostra 3 participantes, todas do gênero feminino. As entrevistadas possuem idade inferior ou igual a 39 anos, todas possuem especialização na área e trabalham na área há mais de 4 anos.

O discurso sobre a importância do contato entre a equipe multidisciplinar corrobora com a visão da entrevistada A que diz que, “existe sim uma equipe multidisciplinar, a equipe tende a fazer um trabalho interdisciplinar, a reunião acontece toda semana para discutir sobre os casos”. Dessa forma, é relevante o contato entre a equipe, pois trabalha auxiliando

diretamente na qualidade de atenção integral aos cuidados com o paciente. Em relação às reuniões periódicas é essencial que aconteça toda semana, pois discute os casos, buscando melhorar no bem-estar do paciente. Contudo, é relevante a participação de toda equipe nas reuniões para que cada profissional possa relatar ao seu ponto de vista como o paciente vem reagindo ao seu procedimento. Um dos processos de comunicação entre a equipe multidisciplinar, por exemplo, é o prontuário, pois, promove a comunicação interdisciplinar na instituição hospitalar. Em alguns casos, através deste mecanismo, podem discutir sobre o entendimento da demanda dos pacientes em relação ao tratamento e questões relacionadas a sua internação (TONETTO; GOMES, 2007).

No que se refere ao momento que não é solicitado pela equipe, a entrevistada B descreve que, “em alguns momentos onde o paciente estava mais reservado, ou não demonstrava tão claramente que estava em sofrimento a gente não era acionado”. Por consequência, percebe-se a necessidade de ações voltadas para a equipe multiprofissional, buscando identificar algo estranho no paciente, como por exemplo, ansiedade, estado de depressão, tristeza e outros. Destaca-se que a comunicação entre a equipe é essencial para que trabalhe buscando melhores condições de vida para o paciente.

Ao interrogar sobre as dificuldades que o profissional já vivenciou na equipe a participante A relata que, “tem alguns problemas como a questão da hierarquia mesmo dentro do hospital, mas geralmente tem alguns profissionais que a gente tem uma dificuldade maior de trabalhar, isso depende da personalidade do profissional”. No entanto, o trabalho de equipe é uma estratégia de organização, onde é preciso saber lidar com as diferenças de cada funcionário, para que possam desenvolver um trabalho humanizado, pois o hospital é visto como um ambiente familiar, onde a equipe constrói uma relação com o paciente e a família (FOSSI; GUARESCHI, 2004).

Deste modo, a presença do psicólogo torna-se como tarefa fundamental para o grupo familiar do paciente, pois ele trabalha como mediador possibilitando um contato da família com a equipe de saúde, com o objetivo de facilitar a comunicação entre eles, para que possam contribuir no tratamento do paciente (SALDANHA, BADCH; CRUZ, 2013). No entanto, este é um dos manejos que o psicólogo utiliza para lidar com a família. Ao questionar sobre o manejo familiar, a entrevistada C relata que, “às vezes para a psicologia o paciente é a família, já que sempre acontece reunião com a psicologia, o médico e a família, para falar sobre o quadro de saúde do paciente”. Assim, como o paciente, a família também encontra dificuldades na situação de adoecimento do paciente. Segundo as entrevistadoras,

na maioria das vezes a família apresenta ansiedade, medo e apreensão quanto a tomar decisões.

Quando perguntadas sobre as vivências e iniciativas voltadas para a humanização e transformação social, as entrevistadas foram unânimes em afirmar que de fato existem ações para trabalhar questões que mobilizam a equipe e o trabalho realizado aos atendimentos em suas unidades hospitalares e que “o hospital visa muito à questão da humanização, tem muito a questão do atendimento humanizado... maneira de lidar com o paciente e no sentido de preservação”. A postura do psicólogo no hospital é relevante, desde o olhar com o paciente como indivíduo único. O trabalho feito nas equipes multiprofissionais pode ser exemplificado pela participante A: “depende do cronograma, mas é uma vez por mês, são treinamentos que o centro de psicologia vem buscando trazer esses conteúdos para a equipe, [...] trazendo os pontos que precisam ser trabalhados no processo de humanização”. No que diz respeito à prática de humanizar, Angerami-Camon (2001) afirma que um trabalho de reflexão que envolva toda a equipe de saúde é uma das necessidades mais prementes para fazer com que o hospital perca seu caráter meramente curativo para transformar-se numa instituição que trabalhe, além da reabilitação orgânica, o restabelecimento da dignidade humana (p. 68-69).

A literatura sobre o tema aponta para a importância das regras, normas e procedimentos que existem no hospital. Depreende-se da visão de Foucault, que o hospital está na contramão da consideração integral da pessoa, pois disciplina e vigilância têm sido condutoras de práticas de controle sobre as pessoas internadas, o que requer um modelo pautado em normas sem flexibilidade (FOUCAULT, 1987 apud PERES; LOPES, 2012). No que diz respeito a atuação no hospital de uma das entrevistadas:

Muitas vezes essas normas distanciam da humanização, mas a gente precisa avaliar se são normas que garantem na integridade do paciente, a saúde e até um bom funcionamento. Mais em alguns momentos é: negociar em relação a essas normas, discutir com a equipe a pertinência que isso pode trazer repercussões que inclusive possam dificultar a convivência, a adesão ao tratamento e até mesmo o reestabelecimento da saúde. (Participante C)

Os psicólogos que atuam no contexto hospitalar possuem um maior contato com questões que são naturais no decorrer da vida dos seres humanos, como os processos de adoecimento e morte. Quando perguntadas sobre quais estratégias criaram para a regulação emocional, foram unânimes em citar como era importante a terapia pessoal, embora cada uma delas tenha trazido outras estratégias, como a participante A, relatando que “a questão

do sofrimento da morte, são questões que perpassam o hospital, não tem como a gente trabalhar no hospital sem lidar com essa questão da finitude, da morte, do sofrimento. Se prepara com terapia individual”. Já participante B diz “Discutir com o colega, ou respirar, ou fazer algumas pausas e buscar se centrar... são estratégias para tentar ministrar aquela situação que emerge”. Por fim a participante C afirma que “A minha posição inicial quando o paciente vai a óbito é o silêncio, observar a família... e a minha análise pessoal”. Desse modo, percebe-se a relação entre o que as experiências relatadas e o que a literatura aponta sobre a importância da psicoterapia, principalmente para o psicólogo, pois este possui além da informação necessária para entender a necessidade e benefícios de elaborar suas questões, o fato de possuir ao seu alcance diversas estratégias que auxiliam nesse processo.

Ainda mencionando o tema da regulação emocional, ao serem questionadas se consideravam o trabalho do hospital estressante, a participante C expõe “Não acho que é cansativo. O que deixa um trabalho estressante é quando você faz algo que não gosta ... é trabalhoso, mas não é estressante, você sabe da sua limitação e das dificuldades”. As participantes relataram de forma parecida, que não consideram o trabalho no hospital estressante, mas sim cansativo, além de transparecerem a paixão que possuem por trabalhar nesse local.

A partir das entrevistas feitas junto com as profissionais que possuem experiência na área, foi realizada uma atividade que consistiu na escolha de cinco cartões entre dez cartões no qual constava os desafios focados na literatura, identificados no Quadro 2, conforme os objetivos desta pesquisa. Ainda referente ao Quadro 2, ao questionar as participantes quais os desafios que elas encontram na área de atuação, as três relataram que a ética e a equipe multiprofissional são os desafios preponderantes. Assim, no hospital, o psicólogo deve transpor um bom relacionamento interdisciplinar com a equipe, sempre respeitando o espaço de cada profissional, sendo que este dois desafios são de suma importância no ambiente hospitalar. Em seguida, elas trouxeram paciente com questões complicadas, infraestrutura, inserção profissional, família e paciente. Desta forma, o psicólogo hospitalar se depara com diversos casos, em vários setores do hospital, sendo que, atua como mediador na relação do paciente, família e equipe. Em se tratando dos outros desafios, o menos abordado foi demanda x tempo. E os que não foram abordados por nenhuma das participantes são normas e regras do hospital, regulação emocional e limitação em algum ciclo de vida, seja atendendo crianças, adolescentes, adultos ou idosos

Quadro 2 – A escolha dos cartões contendo os desafios

Desafios focados na literatura	Nº de escolha de cada cartão
Equipe Multiprofissional	3
Ética	3
Paciente com questões complicadas	2
Infraestrutura	2
Inserção Profissional	2
Família do paciente	2
Demanda X Tempo	1
Normas e regras do Hospital	0
Regulação Emocional	0
Limitação em algum ciclo de vida, seja atendendo crianças, adolescentes, adultos ou idosos.	0

Ao analisar o Quadro 3, percebe-se que cada participante utilizou três palavras diferentes, para significar a psicologia hospitalar, o que reflete a subjetividade de cada entrevistada, já que tiveram experiências e construções de carreiras na área hospitalar diferentes. As palavras da participante A, dizem respeito a tríade de atendimentos que psicólogos hospitalares fazem na instituição. A participante B, se refere a postura do profissional de psicologia tem diante do contexto como o acolhimento, humanização e cuidado. Por fim, a participante C trás o amor pela profissão quando cita dedicação, paixão e vício. Destaca-se que em relação a essa última palavra, a participante disse que “a psicologia hospitalar era a cachaça dela”, que amava trabalhar.

Quadro 3 – Diga as três palavras que lhe vêm na cabeça quando ouve Psicologia Hospitalar

Participante A	Participante B	Participante C
Equipe	Acolhimento	Dedicação
Paciente	Humanização	Paixão
Família	Cuidado	Vício

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se com este estudo conhecer melhor os desafios que os psicólogos hospitalares apontam e vivenciam, contempla a inserção desse profissional no âmbito hospitalar e conseqüentemente com a aderência e desenvolvimento do seu serviço neste local, observando não só os benefícios que a sua inserção na equipe multiprofissional trouxe, como também os desafios que surgem deste trabalho. No desenvolvimento desse estudo pudemos perceber que apesar de todos os possíveis desafios que podem ser encontrados e que dificultam o exercer da profissão, percebe-se que o trabalho do psicólogo é de suma relevância, já que trabalha o processo de hospitalização onde o indivíduo se encontra no estado de sofrimento e angústia.

O tema sobre a equipe multiprofissional foi algo que ressaltou nas entrevistas como desafio. Porém, apesar das profissionais conseguirem lidar com essas dificuldades, ainda é necessário, para uma melhor atuação, que essas sejam superadas. O fato de ainda existir dentro dos hospitais a hierarquia de cargos, do acionamento *ad hoc* dos psicólogos pelos outros profissionais apenas quando o paciente possui uma tristeza extrema ou não quer colaborar com o tratamento, aponta um certo tipo de isolamento do psicólogo nestas situações, que demonstra a própria percepção dos demais sobre a atuação desse profissional no contexto hospitalar.

Concluimos que apesar de possuir muitos desafios relacionados à sua prática no hospital, na percepção das entrevistadas, os benefícios dessa atuação são superiores a qualquer problema ou desgaste que possa ocorrer não só com o paciente e seus familiares como principalmente na busca de aceitação e reconhecimento do seu trabalho.

Ao finalizar este trabalho, conseguimos compreender através da coleta de dados, a importância de a atuação profissional sempre estar calcada nos princípios éticos, buscando atender cada paciente de forma coerente, humanizada e respeitando sempre o desejo deste, não deixando de olhar para todos aqueles que também atuam nesse contexto e colaborando para um bom ambiente de trabalho. Não devemos esquecer que para a evolução e manutenção de um trabalho de qualidade, o profissional não deve se esquecer de cuidar de si, buscando sempre alternativas que o ajude a lidar com a carga emocional que encontrará no decorrer do seu dia a dia, além é claro, da psicoterapia pessoal para que possam elaborar suas questões e também para reconhecer seus limites.

## REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, V. A. (Org.). **E a psicologia entrou no hospital**. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. ET AL. **Psicologia Hospitalar: teoria e prática**. São Paulo: pioneira, 2001.

CAMPOS, C. J. G. MÉTODO DE ANÁLISE DE CONTEÚDO: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Rev. Bras Enferm**, Brasília, set./out. 2004.

CARVALHO, D.B. Psicologia da saúde crítica no contexto hospitalar. **Psicol. cienc. prof.** Brasília, v. 33, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n2/v33n2a08.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2017.

CASTRO, E. K. & BORNHOLDT, E. Psicologia da Saúde x Psicologia Hospitalar: Definições e Possibilidades de Inserção Profissional. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 24, n. 3, p. 48-57, 2004. Acesso em: 22 mar. 2017.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução n° 013/2007**, de 01 de junho de 2007. BRASÍLIA, DF.

FOSSI, L. B; GUARESCHI, N. M. de Fátima; A psicologia hospitalar e as equipes multidisciplinares. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, jun. 2004. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v7n1/v7n1a04.pdf>>. Acessado em: 12 maio 2017.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MEDEIROS, L. A; LUSTOSA, M. A. A difícil tarefa de falar sobre morte no hospital. **Rev. Sociedade Brasileira de Psicologia Hospitalar**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 203-227, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de S. and SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Cad. Saúde Pública**, v. 9, n. 3, p. 237-248, set. 1993.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MOSIMANN, Laila T.; LUSTOSA, Maria Alice. A Psicologia hospitalar e o hospital. Santa Casa da Misericórdia do RJ-CESANTA. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v.14, n.1, jun. 2011.

Pereira, Leda Silva; **O percurso histórico do serviço de psicologia do Hospital de Clínicas de Porto Alegre**, jun. 2006. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8728/000587576.pdf?sequence=1>>. Acessado em: 09 maio 2017.



PIMENTEL, D. M; LIMA, D.T; FONSECA, R. M; **A atuação do psicólogo hospitalar no atendimento aos portadores de câncer de próstata e de mama**, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.pergamum.univale.br/pergamum/tcc/Aatuacaodopsicologohospitalarnoatendimentoaosportadoresdecancerdeprostataedemama.pdf>>. Acessado em: 03 maio 2017.

SIMONETTI, A. **Manual de Psicologia Hospitalar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

PERES, Gírlane Mayara e LOPES, Ana Maria Pereira. Acompanhamento de pacientes internados e processos de humanização em hospitais gerais. **Psicol. Hosp.** (São Paulo), v.10, n. 1, p. 17-41, 2012.

SALDANHA, S.V; BADCH, A.R; CRUZ, L.R; O Psicólogo Clínico e a equipe multidisciplinar no Hospital Santa Cruz. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, jun. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582013000100011](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?Script=sci_arttext&pid=S1516-08582013000100011). Acessado em: 08 jun. 2017.

TONETTO, A. M. & GOMES, W. B. Prática psicológica em hospitais: demandas e intervenções. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **PSICO**, v. 36, n. 3, p. 283-291, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/museupsi/lafec/27.pdf>>. Acesso em: 12 maio 2017.